

nova
Síntese



**ANARQUISMO,
INSUBMISSÃO,
INCONFORMISMO**


Edições Colibri


MUSEU
DO
NEO-REALISMO
Associação Promotora

ANARQUISMO, INSUBMISSÃO, INCONFORMISMO

Coordenação

Ricardo António Alves
e António Mota Redol



Edições Colibri

Título: Anarquismo, Insubmissão, Inconformismo

Responsável: António Mota Redol

Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo
R. Alves Redol, 45 2600-099 Vila Franca de Xira

Coordenação: Ricardo António Alves e António Mota Redol

Capa: Catarina Redol

Edição: Edições Colibri/ Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo

Impressão: Colibri Artes Gráficas, Lda.

ISBN 978-989-566-200-5

Depósito legal n.º 500 888/22

Preço – 15,00 €

Lisboa, Abril de 2022

Nota 1. Este deveria ser o n.º 19 da revista *Nova Síntese*, a qual deixou de se publicar por decisão da Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo, na sequência de dificuldades levantadas pela Entidade Reguladora para a Comunicação Social.

Nota 2: Embora os Cadernos *Nova Síntese* tenham optado por continuar a respeitar o Acordo Ortográfico de 1945 e suas actualizações, os textos publicados mantêm a ortografia adoptada pelos autores dos artigos.

ÍNDICE

Apresentação	
Ricardo António Alves	7
Raul Brandão e o imaginário anarquista	
Vítor Pena Viçoso	11
Raul Brandão e os escritores anarquistas de <i>A Batalha</i> – aproximações e distâncias	
Ricardo António Alves	31
Campos Lima e as novas tendências do Realismo no Século XX em Portugal	
António Cândido Franco	45
Manuel Ribeiro, o vermelho e o branco	
Gabriel Rui Silva	77
Um anarquista em guerra contra a guerra: o patriotismo como paixão política nas crônicas de Neno Vasco	
Thiago Lemos Silva	113
Três utopias de natureza anarquista	
Miguel Real	147
Anarquismo e franciscanismo – Eça de Queirós lido por Jaime Cortesão	
Ricardo António Alves	161
António Pinto Quartin (1887-1970): Um anti-colonialista em Angola nos anos ‘30 do Século XX	
Paulo E. Guimarães.....	187
<i>Pão Incerto</i> , de Assis Esperança: uma leitura	
José Manuel de Vasconcelos	207

ANTÓNIO PINTO QUARTIN (1887-1970): UM ANTI-COLONIALISTA EM ANGOLA NOS ANOS '30 DO SÉCULO XX**

Paulo E. Guimarães*

Introdução

Em 1959, Alexandre Vieira (1880-1973), operário tipógrafo e figura cimeira do Sindicalismo Revolucionário português, publicou, em edição de autor, *Figuras Gradadas do Movimento Social Português*, obra que reunia um conjunto de notas biográficas de outros militantes sociais que tinham tido uma acção relevante no movimento operário português durante o primeiro quartel do Século XX. Numa altura em que o regime ditatorial parecia eternizar-se e em que a memória daquele período se esvanecia, Vieira dava assim visibilidade, já na fase final da vida, a indivíduos que tinham sido considerados perigosos pelos vários poderes instituídos durante três regimes políticos (Monarquia constitucional, República e Estado Novo) por criticarem e combaterem a forma como estava constituída a sociedade em que viviam. A obra, que o seu autor reconhecia incompleta logo no seu intróito, referia, entre as figuras de relevo para a história do movimento social que ela não incluía, os jornalistas Pinto Quartin, Jaime Brasil, Julião Quintinha, Artur Portela, o escritor Manuel Ribeiro, os doutores César Porto (pedagogo) e Aurélio Quintanilha (biólogo) e o pintor Cristiano de Carvalho. A galeria dos homenageados, pela sua grandeza de alma, solidariedade e acção pública, incluía não apenas tipógrafos, litógrafos, revisores, fotógrafos e outros operários gráficos como ele, ou outros homens de ofício (pedreiros, ferroviá-

* Historiador. Centro de Investigação em Ciência Política – CICP. Universidade de Évora.

** Este estudo foi realizado no Centro de Investigação em Ciência Política (UID/CPO/0758/2019), Universidade de Évora, e apoiado pela Fundação de Ciência e Tecnologia do Ministério da Educação e Ciência através de fundos nacionais. Este texto recupera parcialmente e desenvolve uma secção de um texto biográfico sobre Pinto Quartin que publicámos recentemente (Guimarães, 2021). Já depois de concluído, tomámos conhecimento da tese de doutoramento de João Carlos Marques (2020) centrada no breve “exílio” de Quartin no Rio de Janeiro que ocorre entre 1913 e 1915.

rios, caldeireiros, serralheiros, sapateiros) mas também notários, publicistas, professores, bibliotecários, pedagogos, advogados, jornalistas, guarda-livros. Esta galeria de personalidades desafiava imagens estereotipadas sobre o Sindicalismo Revolucionário e o Anarquismo mostrando que os actores desta corrente do movimento operário incluíam, a par dos trabalhadores de ofício, outras figuras intelectualmente relevantes. O movimento operário não seria, por isso mesmo, exclusivamente proletário: um movimento de massas trabalhadoras nos quais os ideais de emancipação humana cresceriam com as máquinas modernas e com o fumo das cidades industriais.

António Pinto Quartin, nascido no Rio de Janeiro em 1887, filho de comerciantes emigrados do Norte de Portugal, pertenceu a esse pequeno grupo de militantes de origem burguesa que, como outros jovens do seu tempo, abraçou o Anarquismo nos meios universitários de Coimbra durante a crise do regime monárquico constitucional, envolvendo-se depois na divulgação desse ideário, dos seus valores e propostas para a organização social através da imprensa. Ele foi, durante algum tempo, um «jornalista operário» (como ele próprio se definiria) que actuou na organização, mobilização e formação cultural de trabalhadores através da palavra impressa. Nesse percurso destacou-se no relançamento da organização operária a partir de 1917, aparecendo ao lado de Alexandre Vieira, Raul Neves Dias, José António de Almeida, Francisco Cristo, Hilário Marques, Perfeito de Carvalho e Joaquim Cardoso no lançamento do jornal *A Batalha*. Até 1923, foi de facto “redactor principal” do jornal da organização operária portuguesa (a Confederação Geral do Trabalho), passando depois a “dirigir” o *Suplemento Literário e Ilustrado* de *A Batalha*. O *Suplemento* era vendido separadamente e tinha um conteúdo marcadamente cultural e doutrinário de índole libertária¹. Ao mesmo tempo, continuou a trabalhar n’ *O Século*, jornal para onde tinha entrado em 1909, começando por dirigir uma secção sobre o movimento associativo.

Os problemas n’ *A Batalha* agravaram-se a partir de 1925 devido aos processos judiciais financeiramente dolorosos, apreensões, assaltos policiais à redacção e instalações do jornal, controvérsias internas e recriminações que acabaram por envolver o “grupo dos intelectuais” quanto à direcção que o periódico operário tomara nas vésperas do movimento militar de 28 de Maio de 1926. Pouco depois, a 29 de Julho de 1926, foi imposta a Censura Prévia à imprensa. Com a derrota das forças democráticas na Revolução de Fevereiro de 1927, acentuou-se o cerco às associações e organizações progressivas. Nesse ano foram presos, entre tantos outros acusados de “comunismo”, pes-

¹ O *Suplemento Literário e Ilustrado d’A Batalha* encontra-se disponível na Rede no sítio “Revistas de Ideias e Cultura”. Sobre ele veja-se ainda os “Dados Editoriais” de António Baião (2018).

soas amigas do casal, nomeadamente os professores ligados à União do Professorado Primário e à escola racionalista: Adolfo Lima, César Porto, Canhão Júnior, Carvalho Duarte, Manuel Silva (PT-AHS-ICS-PQ-DOC-722). A 26 de Maio, as instalações d' *A Batalha* em Lisboa foram invadidas por forças hostis e destruído quase tudo o que encontraram. O jornal foi proibido de circular pelo governo militar.

Com a instauração do regime de Censura Prévia à imprensa, Pinto Quartin anunciou o abandono do jornalismo profissional. Conseguiu depois emprego no Banco de Angola certamente graças às relações amistosas que mantinha com Cunhal Leal que, entre 1926 e 1930, foi governador da instituição. Apesar disso, as condições de vida degradavam-se para o casal e os três filhos (PT-AHS-ICS-PQ-DOC-665). Em 1929, Quartin lança o jornal *Actualidades: O Grande Jornal de Domingo*, sendo director Américo Covões, redactor principal Julião Quintinha, ficando Pinto Quartin como secretário da redacção. Apesar das boas vendas nos primeiros números, a empresa soçobrou ao fim de 14 números, provavelmente por falta de publicidade e de meios no contexto da crise económica que então se vivia (PT-AHS-ICS-PQ-DOC-447).

Foi então que, em 1930, recebeu o convite de Adolfo Pina para lançar e dirigir *O Planalto, Órgão do Huambo* defensor da colonização branca em Angola (PT-AHS-ICS-PQ-DOC-738; PT-TT-PIDE-SC-SR-7240-NT2434). Foi este um período marcado pela expansão do jornalismo naquela colónia e pela aposta no seu desenvolvimento.

Este texto visa apresentar a experiência e leitura que Pinto Quartin, jornalista e anarquista, teve da colónia de Angola durante a sua curta estadia até 1936 e resulta de uma primeira exploração biográfica assente, fundamentalmente, na exploração do seu espólio no Arquivo Histórico-Social do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (Colecção Pinto Quartin, PT-AHS-ICS-PQ), nos arquivos policiais (PIDE/DGS no Arquivo Nacional da Torre do Tombo), em testemunhos secundários e no do jornalista António Valdemar, que lhe sucedeu n' *O Primeiro de Janeiro* em Lisboa. Acessoriamente, trataremos do percurso em Portugal depois do seu regresso, em 1936, e da forma como viveu os anos depois do final da II Guerra Mundial até à sua morte.

O interesse desta narrativa é tripla: em primeiro lugar, porque a trajectória dos anarquistas sob a ditadura é pouco conhecida, por vezes diluídos na martirilogia anti-fascista, mas quase sempre ignorados, como se tivessem entrado numa espécie de "buraco negro" da história, dando lugar a novos actores supostamente mais capazes e menos "utópicos"; depois, porque Pinto Quartin nos oferece uma leitura excepcional, atenta e crítica da sociedade colonial angolana e a sua visão para o futuro daquela colónia. Ora, se a realidade brutal das relações laborais e racionais nas colónias era por ele conhecida, nomeadamente através de outro jornalista d' *A Batalha*,